HG 18889 P

B. N. L.
18889
H.-G.

.IO TELLES

A Inglaterra pacifista

LIVRARIA FIGUEIRINHAS
75, Rua das Oliveiras, 77—PORTO

Imprensa Civilisação--PORTO

BAZILIO TELLES

V.S
18889

A Inglaterra pacifista

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

1916

Casa Editora de Figueirinhas & C.ª
55, TRAVESSA DE CEDOFEITA, 57
PORTO

A SEGUIR:

O imperialismo germánico.
Campanha e questão do Oriente.

Comp. e impr.: ∴ ∴ ∴
IMPRENSA CIVILIZAÇÃO
54, Trav. de Cedofeita, 56
∴ ∵ ∴ ∵ ∴ ∵ ∴ Pôrto.

O precedente opúsculo esforçamo-nos por traçar um escorço breve do estado social e político da França, encarando-a sobretudo como a nação em que se resumem os defeitos e as qualidades dos Latinos, na época do seu conflicto com a Prússia, e por convidar indirectamente o leitor a debater comsigo se esse estado teria soffrido grande alteração quando, em agosto do anno findo de 1914, se declarou quasi de súbito o conflicto bem mais grave que vem absorvendo as attenções do mundo inteiro.

N'este, e no que a seguir contamos publicar, propomo-nos exame parecido para a Inglaterra e para a Allemanha, ou mais exactamente, para o bloco dos impérios. Para ser completo, devia este exame incluir a história, resumida é claro, da expansão colonial da primeira e da revolução interna da segunda, a que no citado opúsculo faziamos referência, desde 1815 mais ou menos. Contra nossa vontade, temos de desistir d'um estudo que, embora ligeiro, nos levaria muito longe. Ao nosso intento, e crêmos tambem que á curiosidade da maioria dos leitores, bastará uma simples indicação, como para a França, do estado político e social em que s'encontravam as tres gran-

des Potências europeias quando a presente guerra deflagrou. Com algumas notas rápidas sobre a mesma situação d'outros paízes já involvidos n'ella, ou que vierem n'ella a involver-se—e que formarão estudo á parte—ficar-se-ha habilitado, se não a prevêr-lhe o desfecho, a precisar-lhe as feições essenciaes e a medir-lhe a excepcional magnitude.

*

* *

Querendo-se caracterisar-lhe a physionomia especial, tem-se dito da Inglaterra que é «um bloco de ferro e hulha». A fórmula é exacta, mas é tambem deficiente, além de ser apenas applicavel ao aspecto material que a civilisação ingleza nos offerece. Melhor diríamos d'ella que é um novo império romano, pelo seu cosmopolitismo, a sua enormidade e o seu poder, com a differença de se bazear principalmente no desinvolvimento prodigioso da indústria e da marinha. Este poderio immenso derivou, sem dúvida, de circumstáncias históricas favoraveis que não vem a propósito inquirir; mas resyltou aínda mais do temperamento anglo-saxónio, em que não vale insistir por conhecido, das riquezas mineraes do sub-solo, da posição insular da Grã-Bretanha, e mais talvez d'uma consideravel cultura scientífica. Se fôssemos eliminar qualquer d'estes factores na apreciação dos progressos realisados por ella desde a sua grande revolução de 1640, a Grã-Bretanha constituíria um facto social incomprehensivel. Se, por ex., em vez d'uma ilha, fôsse um paíz continental, Napoleão, ou até um homem d'Estado audacioso e ambicioso antes

d'elle, um Philippe II, um Richelieu, têr-lhe-hia cortado os vôos ás expansões cosmopolitas, e a quaesquer pretenções a predomínio mundial. Foi para ella um incidente felicíssimo a protecção, a quasi immunidade, que lhe proporcionou a sua ilha. Esta immunidade dispensou-a de sustentar um exército permanente, sério embaraço á evolução da sua política em sentido liberal; levou-a a substituir-lhe uma marinha de guerra, instrumento formidavel de conquista e d'influência exterior mas internamente inoffensivo; e permittiu-lhe sahir sempre victoriosa das tentativas continentaes para a abater. Conferiu-lhe todas estas vantagens até agora; resta saber se continuará indefinidamente a conferir-lh'as. Como quer que os actuaes acontecimentos militares venham repercutir-se na interessante questão, o certo é que no passado o povo inglez, servido pelas suas notaveis aptidões e por um conjuncto de circumstâncias convergindo com ellas para a realisação do seu projecto, conseguiu fundar o mais vasto e rico império que desde a antiga Roma os homens téem admirado, e aborrecido. Fóra da Europa, quasi que não ha canto aproveitavel e habitavel do Globo onde a sua bandeira não fluctue, ou pelo menos se não encontre algum seu representante e se ouça articular a sua língua; não ha mar, estreito, lago, ribeira, onde embarcação ingleza não singre. Desde os mais fecundos e populosos tractos de solo até ao mais esteril penhasco, perdido n'algum remoto oceano, raro será que elle não tenha radicado algum interesse, e alguma vantajem sua a defender.

A incorporação do Transwaal foi a sua última proeza, no seu movimento expansivo secular, antes que a actual guerra explodisse. Sorriu-lhe por um momento a ideia de

ligar a sua África do Sul ao valle do Nilo; mas parece ter definitivamente renunciado a esse gigantesco plano do famoso «Napoleão do Cabo», o nosso bem conhecido Cecil Rhodes. Tem-se affirmado que pela interposição do Estado livre do Congo e da África oriental allemã, que lhe tomaram com effeito as duas margens do Tanganika. Esta razão influiu, não ha que duvidar; tanto, ou mais do que ella porém, a fadiga, a saciedade, o sentimento mais ou menos vivo de que attingira o máximo da sua capacidade, virtual por assim dizer, de s'expandir. Lembra-nos ter sustentado esta opinião em 1904 n'uma disputa com um amigo, que é tambem um eminente republicano, a propósito d'um artigo de revista em que se commentava o projecto de Chamberlain da união aduaneira entre as colónias e a metrópole, substituindo o seu outro plano anterior, mais largo, da federação de todo o império britannico, simultaneamente económica e politica. Nenhum dos projectos vingou, como é sabido, quer pela reluctância das colónias do povoamento, quer pela opposição na própria Inglaterra dos partidários do livre escambo.

E comtudo, esta victória da tradição livre cambista não nos fez mudar de parecer. Hoje, como ao terminar a guerra do Transwaal, subsiste a nossa convicção de que o imperialismo do celebre ministro inglez nada mais era do que o «primeiro symptoma da fadiga», o signal seguro de que a Inglaterra ia d'então em deante renunciar a mais conquistas e annexações para «defender apenas as suas posições adquiridas»; de que tinha principiado, emfim, a comprehender que a sua potencialidade d'expansão económica e demogénica estava em vésperas de s'exgottar, e passaria, em todo o caso, a circumscrever-se ao território

possuído até á época. O mallogro da partilha da China, que ella advogava com outras Potências europeias em fins do século passado, a sua alliança com o Japão em 1902, na qual pela primeira vez um povo extra-europeu era tratado por uma grande Potência da Europa como egual, a enormidade do esforço que teve de fazer para subjugar a pequena república dos Boers, a desistência do projecto, de que se fallou acima, de ligar o Egypto á África do Sul, mostraram-lhe, por certo, a impossibilidade de continuar a sua velha política de «*splendid isolement*», e d'impôr nas questões coloniaes a sua precedência aos outros povos.

A consciência d'esta como falta de mais energia orgánica propulsiva viera-lhe talvez já um pouco antes (em 1885), por occasião do Congresso de Berlim, que annullava o tratado do Congo negociado pouco antes com o governo portuguez, e lhe tolhia na África, d'então por deante, a liberdade anterior de movimentos. Mas não era só a perspectiva, como de resto agora s'está vendo, de ter que se medir com o poderio crescente da Allemanha que a forçava a concessões, sobretudo quando se reflecte que para manter em respeito este formidavel concorrente não lhe faltariam alliânças. Quem combateu e venceu Napoleão não hezitaria em defrontar-se com mais outro perigoso adversário, se a fé no seu destino se conservasse a mesma que era outr'ora. O que a obrigou a essas e a outras concessões ulteriores foi, senão única principalmente, o sentimento a que alludíamos, a persuasão íntima, embora não consciente de todo talvez, de que a sua evolução nacional, dentro e fóra das fronteiras da metrópole, não tardaria a attingir o seu ponto culminante.

O mallogro do plano federativo, e aduaneiro posteriormente, de Chamberlain não nos deve illudir sobre a situação real da Inglaterra. Quando não bastasse a desfazer esta illusão possivel a importante corrente d'opinião que apoiava o projecto do ministro, demonstrariam essa espécie d'enervamento collectivo as leis sociaes de Mr. Lloyd George, as tendências pacifistas accentuadas e em contínuo progresso desde a guerra com o Transwaal, e talvez mesmo a agudeza que estava assumindo a questão do *home rule* para a Irlanda ao rebentar do actual conflito entre as Potências. Aquellas leis, apreciadas no espírito geral que as dictou e as fez approvar pelo parlamento, sobretudo as d'expropriação, com indemnisação aos seus possuídores, dos terrenos incultos, ou melhor, agricolamente desprezados, representam, no fundo, a derogação do individualismo, do *self-government,* do liberalismo tradicional que parecia constituir a essência e a força do caracter e da política inglezes, e a adopção do *Statismo,* do princípio essencialmente continental de intervenção directa do Estado na resolução dos problemas económicos. Votando, ou acceitando sem resistência alguma séria, uma legislação inequivocamente protectora, a Inglaterra não fez mais que reconhecer a impossibilidade de se atêr, como até ahi, á livre actividade dos seus filhos, de no livre esforço d'elles apenas confiar na concorrência, mais áspera dia a dia, entre as nações. Pela primeira vez, emfim, desconfia do futuro; sente que a sua situação económica, interna e internacional, tem seus riscos; vê que, em logar de proseguir n'uma expansão exterior cada vez mais eriçada d'obstáculos e mais promettedora de revezes, lhe convinha sustar carreira e prevenir-se para desagradaveis contingências.

Se fosse a mesma a sua força, se não presentisse que a superfície do Globo lhe começava a oscillar, por assim dizer, sob os alicerces das fábricas e sob a quilha dos navios, se visse que aínda lhe restava coragem para luctar contra as novas condições que os seus concorrentes lhe creavam no mundo, com certeza nem Chamberlain teria concebido o seu projecto imperialista defensivo, nem Mr. Lloyd George proposto, e feito adoptar as suas leis de protecção.

A corrente pacifista, em accréscimo incessante, como ficou notado acima, depois da guerra do Transwaal, tem o mesmo sentido que o symptoma de cansaço que vimos d'apontar em breves linhas. O pacifismo, se não implica a extincção completa da fibra combatente, denuncia pelo menos que a sua tonalidade forte esmoreceu. E repare-se que não se tracta aqui do pacifismo interpretado como repugnância por todas as espécies de lucta á mão armada, por ser incomprehensivel n'um paíz sem exército permanente, avêsso desde Cromwell ao militarismo e ao serviço pessoal obrigatório, onde pois só é soldado quem abraça voluntariamente a profissão, e onde a própria marinha de guerra não absorve (não absorvia antes da guerra) mais que uns 250:000 homens, contractados para este serviço livremente. Se a Inglaterra conhecesse o militarismo continental, de que a Prússia foi o modêlo e a propulsora, o seu pacifismo seria, como n'alguns povos do continente, perfeitamente explicavel. Não o conhecendo, e não sendo certamente seu intento esquivar despezas a que nações muito mais pobres de recursos se têm submettido sem murmúrio, a interpretação d'aquelle desejo de paz, em augmento progressivo, não pode ser senão a que lhe demos. Não é sómente repulsa pela guerra, é retrahimento por

quaesquer luctas que imponham riscos, reclamem esforço excepcional e persistente, embaracem ou perturbem, de qualquer modo a exploração regular, o gôzo tranquillo e legítimo da riqueza conquistada,—o que na realidade se occulta sob aquella disposição geral dos Inglezes. E' pois o phenómeno psychológico da «paz octaviana», e que circumstâncias bastante parecidas vinham de longe dispondo. A Inglaterra desejava-a sinceramente, essa paz appetecida, e não apenas para si, para o mundo todo, exactamente como o Romano da época de Augusto.

Não era preciso que *sir* E. Grey insistentemente o affirmasse em fins de julho passado (1914) nas suas notas aos embaixadores da Grã-Bretanha. Garantiam-lhe a sinceridade e a vehemência das affirmativas insistentes as reflexões resumidas que ahi deixamos, e que todo o espírito um pouco familiarisado com a história recente da Europa espontaneamente faria comsigo. Não esqueçamos que a Inglaterra, a contar da sua victória sobre os Boers, deixou de ser aggressiva, até mesmo em face de provocações que seriam talvez propositaes; que banniu de todo ou quasi, nas suas relações diplomáticas, as maneiras bruscas e o tom comminatório que os seus mais devotados admiradores lhe censuravam; e que principiou a revelar em diversos incidentes, occorridos até com nações fracas, uma paciência e um propósito conciliadores que os seus próprios inimigos não podiam furtar-se a reconhecer, e talvez algum d'elles desdenhasse. Não é que s'eximisse systematicamente a uma guerra, e está-se vendo agora; o que deixou de ser sua intenção foi provocal-a. E com razão. Que poderia perder n'ella? Alguma cousa, afóra vidas e dinheiro, e alguma cousa d'importância dadas as múltiplas complica-

ções do seu império colonial, e até da sua vida interior (1). E o que lucraria em troca? Muito pouco, ou talvez nada. As indemnisações de guerra que viesse a receber não valeriam a riqueza que deixava de produzir, e só parcialmente attenuariam, se attenuassem, a immensa perturbação lançada no seu trabalho e em toda a sua vida social. Os territórios a mais que adquirisse não é provavel que lhe fossem novo incentivo a algum insólito desinvolvimento de riqueza, nem representassem algum complemento imprescindivel á grandeza e ao valor dos que possue, nem no ponto de vista económico em geral, nem sob o aspecto restricto da sua defeza e segurança. Assim, por ex., a incorporação da África oriental allemã nos seus domínios nem bastaria á realisação do projecto de Cecil Rhodes, nem que bastasse, por lhe facilitar a posse da bacia do Nilo superior, augmentaria em proporções extraordinárias a riqueza que as suas actuaes possessões africanas contéem, nem sequer as tornaria mais seguras, ou auxiliaria a protecção das que possue n'outras regiões do Globo.

Pelo contrário, attendendo-se ao valor e á enormidade dos seus domínios coloniaes, é provavel que toda a sua população disponivel e toda a iniciativa que lhe reste, e que certamente aínda é notavel, não cheguem para lhes

(1) Véem a propósito estas palavras de *sir* E. Grey a *sir* M. de Bunsen: «se quatro grandes Potências europeias—digamos a Áustria, a França, a Rússia e a Allemanha—fizessem a guerra, parecia-me que ella havia de trazer comsigo um dispêndio tão enorme de dinheiro e uma tal repercussão commercial que essa guerra seria acompanhada ou seguida por uma fallência completa da Indústria e do crédito da Europa. Nos nossos tempos, nos grandes Estados industriaes, isto seria o equivalente d'um estado de cousas peior do que o de 1848; e a quem quer que competisse a victória muitas cousas seriam completamente arrebatadas». (*Corresp. do G. brit.*, Doc. n.º 3).

exhaurir os recursos naturaes e garantir um futuro tão próspero, na relatividade de cada um, como o da sua antiga colónia norte-americana. Tudo o que fosse, pois, alargar-lhes aínda a vastidão equivalia a tornar a sua exploração e povoamento impossiveis ou deficientes, e mais que incerta e precária a sua posse.

Não terá percebido a prática, a previdente, a sagaz Inglaterra os contratempos e embaraços de toda a ordem que, mesmo no caso d'uma victória completa no conflicto em que s'encontra involvida, lhe traria a prosecução da sua velha política d'expansão colonial? Não é de crêr. Ella sabe, melhor que ninguem, que a sua emigração, se continua sendo das mais elevadas na Europa, é todavia inferior á d'outros povos, á italiana por ex.; não é, porisso, demais para a valorisação intensa e rápida dos territórios que lhe pertencem ou onde exerce influência, e deve d'ora em deante ser attenuada pelo regresso á terra, preconisado tão a ponto como sollicitamente garantido pelas leis sociaes do Mr. Lloyd George. Sabe, além disso, que a taxa do seu lucro demogénico annual (9,8) não é grande, figura mesmo entre as menores dos Estados europeus, e que, longe de s'elevar, deve provavelmente diminuir. Sabe porfim, ou presume, que ha para cada povo, como para cada indivíduo, um apogeu, um máximo d'estatura, um limite ao seu crescimento e vigor, que não lhe é consentido ultrapassar. Dois séculos e meio, desde a sua grande revolução até ao principio do século actual, de desinvolvimento progressivo sob todos os aspectos por que um agrupamento humano se define; tão largo período de regular e ininterrupto ascender, alguns desvios á parte, em robustez e poderio já representam uma capacidade la-

tente d'expansão de que não tem havido muitos exemplos na História, sobretudo quando se considera o número e o valor das resistências de que lhe foi preciso triumphar. A do Romano não era superior com certeza, apezar de ser em todo o mundo antigo a mais notavel. E se pouco mais de dous séculos a estancaram, com menores obstáculos a vencer, não admira que dous séculos e meio, com muito maiores difficuldades pela frente, por serem incomparavelmente mais vasto o campo de acção e mais poderosos, mesmo na relatividade dos tempos, os concorrentes a supplantar, tenham bastado a exhaurir a da Inglaterra. É claro que esta nação não podia, como outra qualquer pequena ou grande, derogar em seu benefício uma lei da natureza. Nascer, crescer, estacionar, declinar, morrer, são phases a que tudo quanto vive está sujeito. se nenhuma fatalidade irremovivel lhe não interrompe o desinvolvimento natural. A Inglaterra, n'este começo de século, concluía a segunda phase, e entrava na terceira : era já em 1904, e continua sendo, a nossa opinião. Procedia exactamente como o indivíduo activo e forte que tornou palpavel o seu objectivo ambicioso, deixa o campo livre a novos ambiciosos que apparecem, e se limita a defender e a gozar pacificamente o que alcançou. A não ser com esse exclusivo objecto, e por mais extraordinário que fosse o seu temperamento combativo, não acceitaria novas luctas. A reedição quasi litteral pois, conforme se fez notar acima, do que foi «a paz romana»: a mesma saciedade de mais aventuras e conquistas, o mesmo circumvagar d'olhos satisfeito sobre a immensidade do programma posto em prática, a mesma attenção preferente para o que decorre dentro em casa, o mesmo prazer voluptuoso de viver.

A questão do *homerule* para a Irlanda, não obstante o aspecto grave que principiava a revestir quando o presente conflicto internacional estalou, é mais uma confirmação do que temos vindo sustentando. Apezar das notícias alarmantes que os jornaes publicavam, no momento preciso em que a nota da Áustria á Sérvia annunciava complicações continentaes, acêrca dos preparativos do Ulster para impedir á força a execução das leis votadas, pareceu-nos sempre que a guerra civil não chegaria a irromper; que tudo se reduziria a algumas ameaças recíprocas, de resistência ou d'extermínio, de irlandezes cathólicos e de presbyterianos escocezes, quando muito a vários excessos e motins inseparaveis de todas as questões d'essa índole; e que o sólido bom-senso inglez saberia encontrar uma fórmula adequada para conciliar os interesses antagónicos e impedir uma collisão de consequências talvez irreparaveis para a unídade e a força exterior da Inglaterra (1). O que ha a pôr em relêvo n'esse episódio da sua política interior é que poucos annos antes nem a excitação irlandeza teria commovido em excesso o Inglez, nem que tivesse commovido muito, lhe arrancaria as concessões que ultimamente obtivera. Desde O'Connell até Parnell nunca a Irlanda se cançou de protestar contra a dureza do regimen que, desde a épocha de Cromwell, o Anglo-saxónio lhe impozera; nunca deixou de conspirar e de se insurgir contra a férrea mão

(1) Os recentes ensaios de revolta parecem desmentir a previsão feita no texto. Importa comtudo recordar as circumstâncias, excepcionalmente propícias, em que essa tentativa de reivindicação da antiga independência foi lançada, e a presteza, segundo os telegrammas d'hoje (4 de maio), com que foi reprimida, ou pelo menos embaraçada no seu perigoso alastramento. Continuamos a crêr que nas circumstâncias normaes não teria explodido.

que a sujeitava; por mais d'uma vez apellou, desesperada, para o terror como recurso extremo contra a oppressão do *lard-lord* e dos governos inglezes, que o sustentavam contra ella. E comtudo, a cada esforço de libertação ou de vindicta que emprehendia, ou achava deante de si a mudez bruta d'uma parede, ou só conseguia tornar mais estreita e inexoravel a estrinça em que se via manietada. É uma reviravolta notabilíssima, repleta d'ensinamentos para o crítico dos phenómenos sociaes, a sensibilidade recente do Anglo-saxónio pela Irlanda e o Irlandez comparada com a sua indifferença ou irritação hostil de haverá cêrca de trinta annos. Soffrimentos reaes, miséria avassaladora e profunda, que ainda não ha muito o achavam desdenhoso ou insensivel, vê-se agora que o commovem, revelam n'elle um coração compassivo, ou pelo menos humano e justo. Não quer isto dizer que o não tivesse; mas só que não era d'esse lado que a sua affectividade s'exercia.

Era demasiado forte ainda a corrente imperialista, d'expansão e d'emigração, que a grande crise industrial de 1877 contribuiu para intensificar, obsediava-o demasiado o pensamento que Beaconsfield condensava na fórmula famosa dos «*Great Englanders*», e em que a política de Chamberlain egualmente se inspirou, para distrahir a sua attenção para os males irlandezes. Quando uma ambição absorvente empolga a alma d'um paíz ou d'um homem, inutil esperar d'elles qualquer movimento affectivo, pelo menos espontâneo e duradouro, por quanto não seja o objecto immediato que os seduz. Ao contrário, ha sómente d'elles a esperar o desdem, a irritação e a injustiça. Foi preciso que essa corrente impetuosa principiasse a enfraquecer, esse pensamento obsessivo a perder o seu vigor,

esta ambição infrene a sentir-se satisfeita, para que a Inglaterra se lembrasse do «membro resequido» do império, e se resolvesse a reparar n'elle com sympathia e equidade. E esta sollicitude um tanto inesperada, e que se accentua precisamente depois da guerra do Transwaal, julgamos que não pode interpretar-se senão como um symptoma aínda da sua aspiração latente, se não lucidamente definida por'ora, a conservar-se alheia a conflictos, para se dedicar apenas ao seu desinvolvimento interior.

Outros signaes do seu decidido ingresso no que denominamos a terceira fase d'evolução de qualquer organismo normalmente formado, isto é, n'uma era de paz, exterior e interior, e d'actividade tranquilla e regular, podiam ser invocados em favor da nossa these, como, por ex., o advento político, ou mais exactamente, a ingerência governamental indirecta das antigas «*Trade-unions*» sob o rótulo de «partido laborista», a approximação diplomática, tambem a seguir áquella guerra, com a França, que ella vinha hostilizando, o seu papel na Conferência da Haya, além d'outros com o mesmo único sentido. Não vale a pena. São todos factos d'hontem, sufficientemente conhecidos por todos, e que teremos, de resto, de lembrar.

De maneira que — em resumo — a Inglaterra, em princípios d'este século, depois de ter creado o mais populoso e rico império colonial, a mais poderosa marinha de guerra e mercante, os mais opulentos bancos e companhias que se nos deparam no Mundo; depois de ter conquistado o primeiro logar na extracção da hulha e dos minérios, na producção dos artefactos de ferro e dos fios e tecidos d'algodão, nas construcções navaes para uso próprio e d'extrangeiros, nas pescarias, nos transportes marítimos atravez de

todos os oceanos, no commércio exterior e no movimento dos seus portos (1)—sente que attingiu o apogeu da sua força, queremos dizer, o extremo limite da sua capacidade d'expansão, e agora só lhe resta manter a integridade dos seus domínios, consolidar a situação que conquistou, remediar o melhor possivel os pontos fracos do colossal império construído, e prevenir, sobretudo, qualquer accidente capaz de o comprometter ou abalar. N'uma palavra: sente que ao seu constante movimento progressivo deve agora succeder uma attitude meramente defensiva.

Ora esses pontos fracos, que são os que interessam ao objectivo d'este opúsculo, crêmos poder resumil-os d'este

(1) Alguns dados estatísticos, que tiramos da obra de Vidal de la Blache «*Les principales Puissances*», bastarão a mostrar a enormidade do poderio da Inglaterra n'este principio do século XX:

Extensão e população do império: mais de 29 milhões de kmq. (ou cêrca de 1/3 mais da extensão do império russo); mais de 400 milhões d'habitantes (ou mais de 1/4 da população do Globo).

Marinha de guerra (hoje provavelmente augmentada): 56 couraçados em serviço ou em conclusão (todos de menos de 16 annos), 28 cruzadores couraçados (de menos de 10 annos), 39 cruzadores protegidos de 1.ª e 2.ª classe, com o número correspondente de canhoneiras, torpedeiros, contratorpedeiros, submarinos, etc., e com o effectivo de 129:000 homens.

Marinha mercante (em 1904): 20:580 navios (dos quaes 10:370 a vapor), com uma arqueação de 10 1/2 milhões de tonl. (8.750:000 dos vapores), e uma tripulação totnl de 260:000 marinheiros. Juntando-lhe a marinha das colónias, obtem-se 37:000 navios com mais de 12 milhões de tonl. Mais de metade, pois, da tonelagem de todas as marinhas mercantes do Globo, e cêrca de 2/3 dos navios a vapor existentes.

Bancos e companhias: (Não encontro dados estatísticos, ainda que só para os capitaes).

Hulha: 232 milhões de tonl. (só ultrapassadas pelos Estados-Unidos), 1/5 das quaes para a exportação, e 850:000 operários que as extrahem.

Minério de ferro (não vejo estatística para os outros): 14 milhões de tonl., addicionadas com 6 milhões pedidos á importação.

Artefactos de ferro: 800 milhões de fr. de valor annual na exportação. (Disputada com êxito pelos E.-Unidos e a Allemanha).

modo : visinhanças perigosas n'alguns dos seus domínios coloniaes, particularmente da França, Rússia e Allemanha ; dependência da metrópole, para o seu abastecimento d'alimentos e matérias primas, não só das suas colónias mas de diversos paízes extrangeiros; apparição de poderosos concorrentes, Allemanha e Estados-Unidos em particular, á sua industria, á sua navegação e ao seu commércio. E na politica interior: importância crescente das aspirações socialistas, concretisadas no partido do trabalho; recrudescimento simultáneo das reivindicações irlandezas, revelado no augmento progressivo dos partidários do *home rule*.

Era, claramente, á situação exterior que convinha attender em primeiro logar. Com a Allemanha, sem dúvida

---

Fiação e tecelagem, algodão: 49 milhões de fusos, 600:000 operários, 2.300 milhões de fr. nas exportações.

» » , linho: mais de 1 1/2 milhão de fusos e de 40:000 teares, cêrca de 120:000 operários, mais de 180 milhões de fr. nas exportações.

» » , lã: 6 milhões de fusos, 150:000 teares, mais de 200:000 operários, 650 milhões de fr. nas exportações.

(No conjuncto, as indústrias texteis occupam mais de 1 milhão de operários, fazem viver mais de 5 milhões de pessoas, fornecem mais de 1/3 das exportações da Inglaterra, e têem mais de 900:000 contos de capital).

Construcções navaes (em 1904): 1:250 navios, 828 dos quaes a vapor, d'uma arqueação total de 900:000 tonl.

Pescarias: mais de 24:000 barcos com 107:000 tripulantes, 1 milhão de tonl. de peixe valendo 225 milhões de fr., 65 milhões dos quaes para a exportação.

Transportes marítimos: (faltam dados sobre o número, relativo e absoluto, d'embarcações britânnicas que frequentam os portos extrangeiros, assim como sobre o valor das mercadorias embarcadas ou desembarcadas por ellas n'esses portos).

Commércio exterior (com as colónias e o extrangeiro): mais de 4.320:000 contos, 2.520:000 dos quaes para as importações, 1.800:000 para as exportações.

Movimento dos portos: cêrca de 370:000 navios por anno, com uma arqueação de 114 milhões de tonl., 2/3 das quaes sob a bandeira ingleza.

a sua rival mais poderosa e impaciente, já a Inglaterra tinha, em 1890, entrado em transações que a desarmassem. Na África repartia com ella os Estados do sultão de Zanzibar, reconhecia-lhe e ampliava-lhe os territórios do golpho de Guiné, acceitava-lhe a occupação da Damaralándia; na Oceania repartia com ella (e com a Hollanda) a Nova-Guiné, e assentia á sua installação nas ilhas próximas (archipélagos Bismarck e Salomão); e até na Europa lhe cedeu a ilha de Heligoland, convertida agora contra si n'uma formidavel fortaleza. Mas logo em 1894, e apezar, ou talvez por causa mesmo, d'essas «graciosas concessões» de lord Salisbury, a sua irmã germánica impedia que o Estado livre do Congo lhe cedesse a faxa de terreno imprescindivel á ligação do alto Nilo com as suas possessões da África do Sul; e não era de todo inverosimil que, não obstante a sua previdência em lhe interpôr o deserto da Kalahari, lhe cortasse estas possessões intendendo-se com as repúblicas do Orange e do Transwaal.

Da França tinha tambem obtido, em 1899, que renunciasse a quaesquer suas pretenções ao valle do Nilo; e a derrota soffrida pelos Italianos na Abyssinia, em 1896, affastava-lhe a possibilidade d'algum perigo sério por este lado. Mas a primeira d'estas Potências resentira-se, muito naturalmente, da intimativa que á sua expedição senegaleza fizera o *sirdar* inglez (lord Kitchener, actual ministro da guerra) no anno anterior em Fachoda, e continuava a reclamar a evacuação pela Inglaterra do Egypto, e a erguer-lhe differentes objecções á sua administração d'este paíz. Eram estas e outras difficuldades internacionaes que era urgente aplanar, se não mesmo liquidar por uma só vez.

Com effeito, em 1904, um convénio com a França resolve todas as questões subsistentes á data entre as duas nações no mundo inteiro. Foi n'elle que se consignou a cláusula de plena liberdade d'acção, para esse paiz, em Marrocos, e para a Inglaterra no Egypto, sem que a Allemanha levantasse qualquer objecção. Em 1907 conclue um accôrdo análogo com a Rússia, desfazendo todos os attrictos existentes entre ambas (sobre fronteiras e respectivas zonas d'influência) a respeito da Pérsia, do Afghanistan e do Tibet, accôrdo que, certamente, lhe foi facilitado pelo desenlace que teve a guerra do Japão. De maneira que, no prazo curto de cinco annos, contados desde 1902 em que se alliara com este paíz asiático, conseguiu a Inglaterra assegurar a sua influência ou o seu domínio no extremo Oriente, na Índia e no Egypto, principaes regiões do Globo onde o seu império offerecia diversos pontos volneraveis.

Repare-se em que todos estes convénios são celebrados depois de resolvida a lucta contra os Boers, isto é, quando a Inglaterra sente, segundo a opinião defendida por nós, pela magnitude do esforço e das despezas militares (mais de 200:000 homens e de 900:000 contos) que devia ser essa a sua derradeira aventura colonial, e limitar-se d'ora em deante a guardar e fortalecer «as posições adquiridas». Durante essa lucta de tres annos (1899-902), talvez tentada, em partes eguaes, pela posse das riquezas do solo e pelo intuito de prevenir uma intelligência possivel entre os Allemães e os Boers, é impossivel que não se tivesse recordado por vezes da opposição efficaz da Allemanha ao seu projecto de ligar as suas possessões do Norte ás do Sul, e não lhe antevisse uma futura e tão decisiva opposição

no famoso telegramma dirigido ao presidente Krüger pelo *kaiser*, que toda a imprensa republicana portugueza publicou, e applaudiu. Pelo menos, quando esses avisos não bastassem, forçal-a-hia a precaver-se o programma de construcções navaes proposto pelo Governo allemão ao Reichstag em 1900, logo um anno depois que a guerra começou; porque, sem a mais leve dúvida, aquelle programma era a resposta a esta guerra colonial da Inglaterra.

Liquidados, como se viu, todos os dissentimentos «tangiveis e concretos», como s'exprime *sir* E. Cook no seu folheto—«*A Inglaterra e os seus esforços pela manutenção da paz*»—que lhe podessem trazer embaraços externos d'esta índole, procurou a Inglaterra obviar á sua dependência do extrangeiro, nos pontos de vista a que fizemos acima allusão. (1) Para a hypóthese duma guerra na Europa, era

(1) Para se avaliar com alguma exactidão esta dependência económica da Inglaterra, tanto para com as colónias como para com vários países extrangeiros, daremos aqui as seguintes indicações, tiradas tambem da obra de Vidal de la Blache, citada acima.

Pelo que toca a subsistências:

Os *grãos* (por cêrca de $^1/_5$) vêem-lhe dos Estados-Unidos, Argentina, Rússia, Índia e Austrália; as *carnes* (em proporção que não vemos indicada), principalmente dos Estados-Unidos; o *assucar* (que não produz), da Bélgica, França, Allemanha e Áustria; os *vinhos*, *manteiga*, *fructas*, *legumes* e *otos*, sobretudo da França; o *arroz* e o *chá*, da Índia e da China.

Quanto a matérias primas:

O *ferro* vem-lhe principalmente da Hespanha; o *linho* (por cêrca de $^9/_{10}$) e o cânhamo, da Rússia principalmente; a *lã* (por cêrca de $^1/_3$), da Argentina, Cabo e Austrália; o *algodão*, dos Estados-Unidos quasi todo; a *juta* da Índia; a *séda*, particularmente da França.

Os seus fornecedores principaes, por ordem de valores da importação, vêem a ser: Estados-Unidos, França, Índia, Hollanda, Allemanha, Rússia, Bélgica, Austrália, Argentina e Canadá. E os seus principaes clientes: Índia, Allemanha, Estados-Unidos, África do Sul, Austrália, França, Argentina e Canadá, por ordem nos valores de exportação.

Claro que estas séries seriam dispostas d'outro modo se tomássemos

essa incontestavelmente uma providência elementar. O projecto de Chamberlain obdeceu em grande parte, segundo logo nos quiz parecer, a estas preoccupações de segurança. Mas a solução ao problema era difficil d'encontrar. Até á epocha a que estamos alludindo, o abastecimento da Inglaterra tinha estado suficientemente garantido pelos dous longos períodos de paz entre povos europeus, de 1815 a 1854 (da queda de Napoleão até á campanha da Crimeia) e de 1870 (excluídas as guerras balkánicas) até ao anno findo (1914), pela neutralidade ou cooperação inglezas nas guerras continentaes entre alguns d'elles no intervalo que separa os dous períodos, e pela sua supremacia naval indisputada. Desde aquella campanha da Crimeia, não lhe succedera entrar em conflicto armado com nenhum; e o seu «*splendid isolement*» durante quasi todo o largo período victoriano, mantendo-a longe das eternas testilhas

---

para baze de classificação a *indispensabilidade* dos productos que se importam ou exportam, quer para alimentação do Inglez e entretenimento das suas indústrias capitaes, que são as metallúrgicas e as de fios e tecidos, quer para manter a Londres o seu papel de mercado regulador das transacções internacionaes. Para se fazer uma ideia de quanto lhe interessa conservar ainda que só este papel d'entreposto quasi universal, bastará lembrar que era em Londres, ainda nos primeiros annos d'este século, que se fixavam os preços das seguintes mercadorias, cuja importância no consumo geral se torna escusado encarecer: cânhamo, lãs exóticas, chá, assucar de canna, cobre, metaes preciosos, cacau, arroz, índigo, madeiras dos trópicos, couros e peles, trigos da Rússia, da Índia e da Austrália, petróleo da América e da Rússia.

É claro ainda que a actual guerra deve ter produzido, sem já fallarmos nas perturbações internas do trabalho, consideravel alteração n'aquellas duas escalas, de fornecedores e clientes. Bélgica, Áustria e Allemanha tiveram de ser eliminadas d'uma e d'outra — o que só no commércio do assucar deve ter forçado a Inglaterra a um deslocamento de mercados fornecedores; a Rússia e a própria França, ou por difficuldades nos transportes ou pelas restricções na sua producção e consumo, é bem possivel que não occupem n'ellas o seu logar anterior; os países extra-europeus e as colónias é que, provavelmente, terão desinvolvido as suas relações commerciaes com a Inglaterra, ao mesmo

continentaes, dispensara-a de reflectir no problema de que fallamos. Se podesse, fóra de risco, continuar no seu isolamento fossem quaes fossem as complicações que sobreviessem, como não era norma da sua politica provocal-as, ao menos directamente e na Europa, é positivo que a sua esquadra, sempre superior á que as duas mais fortes Potências navaes juntariam, a dispensava de consumir tempo e trabalho em debatel-o. E é evidente que o seu systema de defeza continuaria a ser o que tem sido, de resto o melhor adaptado ao seu regimen económico (marítimo-industrial) e ao seu temperamento colonisador e cosmopolita. Cada uma das grandes «ruas marítimas» que das principaes regiões do Globo convergiam para a «moderna Veneza» estavam cuidadosamente balizadas por diversos portos militares, estações d'observação e d'escala, depósitos d'abastecimento e de carvão, e bastante patrulhadas

---

tempo para lhe ministrarem os alimentos e matérias primas que a Europa, em plena crise, não lhe possa fornecer, o para se abastecerem dos artefactos que os impérios centraes não lhes podem expedir. Veja-se d'aqui a dependência em que, seja como compradora de géneros agricolns que não tem, ou só produz escassamente, seja como vendedora d'artigos manufacturados, que lhe superabundam, deve estar a Inglaterra para com as suas colónias e domínios, e a maior parte dos palzes do Globo; quanto, pois, a supremacia naval foi sempre para ella uma questão fundamental, «de vida ou de morte», nas expressões do folheto que citamos. Itepare-se particularmente, em face dos elementos estatisticos que deixamos consignados n'esta nota, quanto é para ella d'um interesse soberano conservar o mais seguros possivel o seu commércio e a sua navegação pelo menos no mar do Norte, Atlántico septentrional, Mediterráneo e mar das Índias. A liberdade plena no Atlántico do Sul, em rigor, ainda a poderia ella dispensar, embora já fossem muito grandes os embaraços que d'ahi lhe adviriam. Mas a occupação por Austro-allemães e Turcos do canal de Suez, e do Exypto sobretudo, é que seria, na nossa opinião, um golpo certeiro na quasi immunidade, económica e maritima, de que ella vem gozando. Toda a importância da «questão do Oriente» pode affirmar-se que, no momento que decorre, gyra quasi unicamente em volta d'aquella posse do Egypto e do canal por um dos grupos de Potências.

pelas suas frotas de cruzeiro. Nas condições em que vinha sendo exercida a sua actividade mercantil, esta sábia organisação e distribuição dos seus recursos navaes eram garantia mais que efficaz contra qualquer perturbação que ao seu commércio tentasse levar a fraqueza relativa, sob esse aspecto, das nações do continente.

A situação porém modificara-se. Em 1882, depois da visita do rei Humberto a Berlim, concluíra-se a Tríplice-Alliança, a que pouco depois, ahi por 1896 (1), quando o Tzar (Nicolau II) visitou Paris, se oppunha a Dúplice. Comquanto puramente defensivas, e valendo apenas contra uma aggressão feita na Europa, representavam compromissos recíprocos formaes, porconseguinte a perspectiva eventual d'uma lucta em que a Inglaterra não podia deixar de ser lesada, pelo predomínio europeu do grupo vencedor, e de que todavia ficava, ao menos diplomaticamente, excluída. O seu «*splendid isolement*» tinha, assim, de passar a simples recordação agradavel, nada mais. Affinidades de temperamento e de raça, antagonismos occasionaes com a França e a Rússia, no Egypto e no Iran sobretudo, e provavelmente a seducção que sempre a victória e a força produziram nos homens, attrahiram-n'a para a Tríplice-Alliança. As «graciosas concessões» de lord Salisbury indicadas acima, a conquista de Sudão, o seu propósito de se manter indefinidamente no Egypto, articulado sem reservas no episódio de Fachoda (1898), são d'esta phase da sua política exterior. Mas, no decorrer

(1) Por uma noticia que lemos recentemente nos jornaes, julgamos que a alliança entre os dous paizes data de 1891, sendo Tzar da Rússia Alexandre III, e presidente da República franceza Sadi Carnot.

d'este curto período de oito annos, dera-se a opposição da Allemanha ao projecto de ligação do alto Nilo á Sul-África, e logo dous annos depois a apresentação ao Reichstag do programma naval, ás quaes já fizemos referência. O «perigo allemão» principiou desde essa época a obsedial-a sériamente, e as suas preferências políticas a deslocarem-se, como por um movimento instinctivo de receio, para a Dúplice-Alliança. Se o início d'um possivel desmoronar do seu império estava próximo, mais valeria, por certo, encarar frente a frente o adversário do que emparceirar com elle no jogo que tinha por objectivo a sua ruina.

Não é, porém, este procedimento decidido o que ella adopta. O modo porque julga remover aquelle perigo não deixa de ser um pouco singular e, sem menos consideração pelos estadistas británnicos, um tanto ingénuo. A approximação com a Rússia e a França, poisque era uma indicação elementar, effectuou-se, mas sem nenhum compromisso politico formal da sua parte; de sorte que, no caso da collisão antevista com a Allemanha, poderia muito bem vêr-se isolada, sobretudo quando se attende ao enfraquecimento militar da Dúplice depois de terminada a guerra russo-japoneza, e ao resentimento que talvez persistisse nos dous povos pelo incidente de Fachoda, e pela sua alliança com o Japão. Para obviar a esta situação exterior inconveniente, por ser politicamente indefinida, é que os seus homens d'Estado conceberam o plano que atraz qualificávamos de ingénuo. Duas palavras o resumem: manter as amizades contrahidas, impedir amigavelmente a Allemanha de augmentar a sua frota, e conservar comtudo a sua liberdade exterior de movimentos. Quer

dizer: gozar dos benefícios de alliada, sem renunciar aos do seu anterior isolamento. Melhor talvez: substituir as vantagens d'um árbitro aos riscos d'um isolado. Custa a crêr que esta impossibilidade manifesta não saltasse logo aos olhos dos estadistas inglezes; que, por assim dizer, não palpassem immediatamente o contradictório do plano Examinal-o-hemos nos seus principaes aspectos mais adeante.

Para o objectivo especial que estamos debatendo, é claro que o seu ponto essencial consistia em salvaguardar a Inglaterra a superioridade *relativa* da sua marinha de combate, como até ahi a mantivera. As razões allegadas resume-as excellentemente o sr. Cook n'estas passagens do folheto: «A Grã-Bretanha, se perdesse o império dos mares, facilmente poderia ficar privada d'alimento». «A nossa armada está para nós como o seu exército está para ella (para a Allemanha)». «Para se apreciar a justificada apprehensão que as suas ambições navaes (da Allemanha) causavam n'este paíz, basta que invertamos os factores, e perguntemos o que se diria e sentiria na Europa se a Grã-Bretanha, já a primeira Potência naval, se preparasse para pôr em armas um exército permanente comparavel, pelo número, ao da Allemanha mesma».

Calaremos por'ora as observações que estas passagens do opúsculo suggerem, para fixarmos apenas o confessado receio de que um «bloqueio continental» se renovasse.

Os meios de o prevenir foram diversos; melhor dito, foram diversas as fórmulas que, n'esse intuito, a Inglaterra imaginou. Acham-se egualmente bem expostas no folheto mencionado. Resumidamente, foram estas: primeiro, apro-

veitando-se a iniciativa do Tzar, em 1898, para a Conferência da Haya, um accôrdo internacional para a reducção dos armamentos; depois, em 1906, como preparação preliminar e como «deixa» (assim a designa *sir* E. Cook) para a segunda Conferência da Haya no anno immediato, a reducção effectiva no programma naval inglez «de 25 % em navios de combate, 60 % em caça-torpedeiros de alto-mar e 33 % em submarinos». Não tendo este exemplo sido aproveitado por outros, nem sequer incluída a proposta ingleza no programma da Conferência, apezar de n'ella se offerecer a «permuta prévia dos orçamentos navaes com qualquer outra Potência», vieram as tentativas directas seguintes com a Allemanha: em 1909, ao ser accrescido o orçamento naval inglez em consequência do accréscimo do mesmo orçamento allemão no anno anterior, «permissão aos addidos navaes em Berlim e Londres para, de vez em quando, observarem o andamento da construcção das primeiras unidades de combate»; em 1910, acquiescência á contra-proposta allemã para: «(1) discutir a suggestão do—retardamento temporário—; (2) negociar um accôrdo naval sobre a baze de que o actual programma existente não seria augmentado, e que haveria permuta de informações sobre o progresso real das construcções navaes em cada um dos paízes; (3) com respeito a entendimento político, assegurar que, em qualquer accôrdo político entre ella (Inglaterra) e qualquer outra Potência, nada havia que visasse a Allemanha, e que ella própria nenhuma intenção hostil mantinha a seu respeito»; em 1911, (crise marroquina e consequente suspensão de negociações); em 1912, em vista do novo augmento da esquadra allemã e da impossibilidade de conseguir um intendimento naval sem um intendimento

político, proposta d'um accôrdo formal d'este caracter nos termos seguintes:

«Achando-se as duas Potências naturalmente animadas pelo desejo de assegurar a paz e a amizade entre si, a Inglaterra declara que não fará, nem se associará para fazer qualquer ataque, sem provocação, á Allemanha. A aggressão contra a Allemanha não constitue o objecto, nem forma parte de qualquer tratado, entendimento ou combinação em que a Inglaterra seja participante, nem esta se prestará a ser participante no quer que seja que tenha isso por objecto», — e proposta d'um «feriado naval», que *sir* E. Cook explica do seguinte modo:

«... qualquer retardamento, ou reducção, nas construcções navaes allemães seria observada n'este paíz em proporção egual. Se a Allemanha se resolvesse a tomar férias, e a não construir navio algum em certo anno, a Inglaterra procederia da mesma forma, e abandonaria o seu programma para o mesmo anno». Inutil dizer que nenhuma d'estas propostas conquistou o assentimento da Allemanha.

Porconseguinte, a sua grande preoccupação, «anciedade» conforme algures no seu folheto escreve *sir* E. Cook, durante a épocha a que nos estamos referindo, d'assegurar a superioridade relativa á sua esquadra, a Inglaterra justifica-a pela possibilidade, em caso de guerra, de «ficar privada d'alimento»; e os meios por que julgava poder assegural-a reduziam-se, em última anályse, a conseguir das Potências maritimas primeiro, e ulteriormente da Allemanha a adopção d'uma fórmula naval que ou impedisse novas construcções, ou as permittisse n'uma proporção compativel com a prosecução do seu dominio sobre os mares. Repetimos que examinaremos um pouco adeante os

fundamentos e o alcance d'estas pretenções da Inglaterra. Por'ora convem-n'os apenas archivar que o ponto fraco a que alludíamos, ao tentarmos esta breve digressão retrospectiva, o viu ella com perfeita lucidez; e que para o fortalecer o mais possivel, em vez d'ensaiar qualquer recurso inédito, ou pelo menos até ahi desdenhado ou esquecido, se obstina em resolvel-o pelo processo que no passado lhe servira, isto é, pelo monópolio maritimo que a impotência ou incapacidade dos outros lhe deixara nas mãos.

O terceiro ponto fraco dizíamos que era a apparição de poderosos concorrentes na indústria, na navegação e no commércio. A Allemanha sobretudo, por ser um paíz europeu, constituía para ella o mais perigoso, comquanto *sir* E. Cook affirme, no opúsculo citado, não ser este aspecto da política allemã a causa da apprehensão dos estadistas inglezes. Directa, pode conceder-se que não; foi o comtudo indirectamente, a contar d'uma data que não haverá erro grave em referir ao congresso de Berlim (1885), quando a nação germánica se lança na corrente da expansão colonial. Alguns factos conhecidos dissiparão a este respeito quaesquer dúvidas:

Em 1870, a Allemanha era prolífica e pobre, a agricultura a sua forma prevalecente de trabalho, enorme pois a sua emigração, que se dirigia quasi que só para os Estados-Unidos e o Brazil; talvez por isto e pela imprevisão do que viria a ser em breve, a Inglaterra a deixou vencer a França, sua principal competidora n'essa época. Possuia alguma indústria, é certo: extractiva e metalúrgica na Saxónia, e de tecidos na Silésia. Mas eram indústrias tradicionaes, frouxas, quasi estagnadas, por carência de ca-

pitaes abundantes e a juro módico, d'uma importante marinha de commércio, de boas installações e utensilagem nos seus portos, de vasta rêde de communicações aceleradas, do estímulo e da protecção d'um grande Estado. Não lhe faltavam saber, aptidão, preciosas qualidades de caracter para as luctas económicas, nem riquezas mineraes sufficientes; faltavam-lhe os meios e o impulso, por assim dizer, para valorisar estas riquezas e utilisar aquelles dotes naturaes e a sciência adquirida. A victória de 70 deu-lhe esse impulso e esses meios. Em 1875, estava já ao nivel da França no seu commércio exterior, e quasi egualava a Inglaterra ao rebentar do presente conflicto.

Em 1880, começava a fundar as poderosas companhias de navegação que não tardariam a subalternisar as da França, e a competir sob todos os pontos de vista com as melhores congéneres británnicas.

Por 1885, a sua agricultura — que a Inglaterra imprevidentemente continuava a deixar ao abandono — principiava a triumphar da pobreza relativa do solo, batendo mais tarde a franceza na producção da beterraba; e a sua indústria, que iniciara a concorrência fabricando artigo inferior, entrava a pôr fóra dos mercados os productos similares, incluíndo os superiores, inglezes e francezes.

Em 1898 finalmente — para circumscrevermos ao essencial este escorço — na producção do aço conseguia tomar a frente já da Inglaterra. Ao mesmo tempo a sua população accusava o índice de crescimento annual mais elevado que se registava na Europa; a sua emigração, comparavel em volume á ingleza, e que aliás desde 1885 principiara a decrescer, cahia a cêrca de $^1/_{10}$ ou a uns

25:000 emigrantes annuaes, e procurava outros paízes, além dos que citamos, e as colónias; a sua bandeira, os seus productos, os seus agentes de commércio invadiam os principaes mercados, e faziam a sua apparição em quasi todas as paragens do Globo. N'uma palavra: n'um período de 30 annos, a nação pobre, economicamente atrazada, politicamente desunida, além de confinada quasi apenas na Europa, e não tendo fóra d'ella uma pollegada de terreno, enriquecera, atulhara-se de gente, conquistara o segundo logar no desinvolvimento da riqueza, constituíra-se n'um Estado político unificado e forte, adquirira territórios longinquos, e surgira deante da Inglaterra como o seu mais temeroso rival no cosmopolitismo e no poder. Como Potência militar, era a primeira; como empório industrial e commercial, approximava-se o dia em que chegaria a supplantar a própria Inglaterra.

Será então crivel que esta perspectiva, independentemente do «desafio naval» a que *sir* E. Cook se refere, isto é do impulso dado á marinha allemã de guerra desde 1898, não bastasse a preoccupar os estadistas inglezes? Seria mais para temer uma lucta á mão armada, de resultado mais ou menos duvidoso, do que uma victória segura no terreno pacífico da concorrência mercantil-industrial? Suppondo que fosse, nem por isso é acreditavel que os homens d'Estado inglezes não medissem o alcance do constante progredir económico da Allemanha, e não cogitassem pois nos meios de o sustar, ou de ajudar o seu paíz a proseguir na competência com vantagem. Sustal-o não era facil, nem sequer talvez possivel. Mas seria impossivel preparar a Inglaterra para uma resistência capaz de lhe manter o predomínio? Eis um difficil problema económico

que não temos que debater aqui, ainda que dispozéssemos d'elementos sufficientes ao intuito.

O projecto de Chamberlain julgamos ter por objectivo resolvel-o, além do seu outro fim, já indicado. Rejeitado elle, e sendo certo que uma futura inferioridade da Inglaterra na concorrência mundial da indústria e do commércio vinha sendo visionada por diversos publicistas europeus, e não podia então deixar de o ser pelos inglezes, parece que por algum modo efficaz tinha sido ella ha muito prevenida. Qual seria este modo novo, pelo menos ignorado por nós, de defeza? Bastante embaraçoso responder. Repetimos que nem a índole d'este opúsculo nem a carência de dados nos permittem o exame da questão, nos aspectos múltiplos e concretos que apresenta, e apenas sob os quaes ficaria razoavelmente illucidada. Convem só recordar, a este propósito, que o triumpho global na concorrência económica exterior não significa necessariamente augmento de prosperidade absoluto; que, além d'isso, elle depende d'um conflicto complicado entre vários, e não sómente dous, povos que o disputam entre si; e que para elle contribue muito mais o esforço individual dos concorrentes do que a intervenção dos governos respectivos.

Tendo na conta devida estas reservas, affigura-se-nos que os homens públicos británnicos, depois da rejeição d'aquelle projecto imperialista, nenhum conceberam para subtrahir a Inglaterra a uma presumivel derrota (relativa, já se vê) no «desafio» mercantil-industrial que lhe vinha fazendo a Allemanha, e que, quaesquer que tenham sido as suas razões determinantes, preferiram deixar á livre iniciativa dos seus compatriotas, com um ou outro auxílio oc-

casional da sua parte (tratados de commércio, por ex.) o cuidado de dirimirem o pleito.

Não queremos insinuar com isto que estivessem préviamente seguros da victória final do seu país nem, muito menos, que se reconhecessem incapazes de traçar um plano governativo bem ajustado ás indicações capitaes da situação que os rápidos progressos da Allemanha lhe pareciam vir creando. Quizemos só emittir o parecer de que, sem deixarem de ter constantemente deante dos olhos a possibilidade do predomínio económico germánico entre os clientes extrangeiros dos seus industriaes e commerciantes, acharam mais conveniente seguir-lhes com attenção, e secundal-o com sollicitude e a tempo, o esforço pessoal e associado para triumpharem da contenda. O ponto fraco de que fallávamos, ou ponto d'interrogação, como se queira, viram-n'o pois com lucidez; mas concluiram que seria inane, ou talvez perturbadora, qualquer acção directa official.

O triumpho governativo, embora parcial, das aspirações socialistas, e a reivindicação cada vez mais ardente da sua autonomia pela Irlanda: eis os dous principais pontos fracos — dizíamos — da Inglaterra considerada na sua vida interior. Á primeira vista, qualificar por esta maneira as soluções, aínda mesmo incompletas, das mais irritantes e urgentes questões políticas, exceptuada apenas a questão religiosa, de resto implicada na segunda, faz pensar n'um paradoxo. Resolvel-as correspondia a eliminar causas ou pretextos de inopportunos conflictos caseiros, porconseguinte d'enfraquecimento da unidade politica e moral, anno a anno mais precisa para a lucta exterior. Procedente, em

parte, esta objecção; e todavia não deixa de ter fundamento a nossa crítica. Os pontos fracos não estavam, propriamente nas leis sociaes de Mr. Lloyd George e no *home rule*, para a Irlanda; estavam, sobretudo, na tendência geral do espírito inglez que ellas descobrem.

O socialismo jámais triumphará, ou triumphou, em parte alguma emquanto a burguezia mantiver, ou manteve, as suas qualidades tradicionaes integralmente, e fôr ou seja, claro é, bastante numerosa e solidária para organisar a lucta em qualquer terreno onde se trave e sob qualquer dos aspectos que revista. A França, onde elle era politicamente dominante, mostra bem quanto a nossa observação é exactíssima; e ao contrário, as conquistas, aliás muito sóbrias, que tem realisado na Allemanha não só não implicavam a mínima declinação social da burguezia, mas nem sequer resultaram da sua intervenção ou collaboração directa no governo.

Na Inglaterra, onde constituía desde Cromwell o grande, para não dizer exclusivo, propulsor da immensa obra civilisadora que o seu império colonial e a sua universal influência testemunham, a classe burgueza distingue-se por feições que não s'encontram, pelo menos em grau egual, nas burguezias do continente. Inutil reeditar o que já ficou escripto n'outro folheto (*«As dictaduras»*). A única que nos importa evocar n'este momento é o seu visceral individualismo, o seu indomavel espírito de liberdade pessoal, a sua repugnância irreductivel por todas as peias governativas á sua livre actividade, porconseguinte a sua tenaz opposição á ingerência do Estado em assumptos que ella possa resolver, principalmente em assumptos económicos. O seu temperamento especial está, por assim dizer,

estereotypado no movimento livre-cambista de 1846, que Cobden e a «Liga» de Manchester iniciam em 1838, e fazem adoptar pelo próprio chefe dos conservadores, Roberto Peel. A immensa expansão económica e colonial da Inglaterra, anteriormente começada já, como se disse, mas que aínda mais se accentua desde então—a esse temperamento, sobretudo, deve ser attribuída. E de tal modo prepondera sobre os governos e sobre as outras classes sociaes que, até á epocha, pouco mais ou menos, a que nos estavamos referindo, nem o regimen aduaneiro soffre qualquer alteração consideravel, nem as «*Trade-unions*» deixam sempre de repellir, nos seus congressos annuaes, a menor interferência do Estado na organisação do trabalho, e nos debates entre operários e patrões. N'outros termos: o operariado inglez adopta e conserva-se fiel á doutrina liberal da burguezia, restringindo tambem as suas reivindicações fundamentaes ao augmento de salário e á diminuição das horas de trabalho.

As reivindicações de caracter limpidamente socialista, e o propósito de fazer intervir na sua realisação o Parlamento, só principiam a agital-o e a definir-se em fórmulas concretas depois que a crise de 77 se aggrava excessivamente em 1883, e os mesteres mal pagos se organisam por seu turno em syndicatos, entre esta data, pois, e 1889. N'este intervallo relativamente curto realisa-se uma espécie de sobreposição do temperamento popular genuino ao temperamento burguez que inspirava as antigas «*Trade-unions*»; novos chefes tomam o logar dos seus velhos dirigentes; a grande massa trabalhadora, incluindo os jornaleiros dos campos, subalternisa a minoria aburguezada, e substitue ao d'ella o seu programma de lucta eleitoral e

de intervenção governativa; e a crise de 1886 (a propósito do *home rule*) que transformara os partidos tradicionaes *whig* e *tory* em duas coalisões, liberal-irlandeza e conservadora-unionista, completa-se agora (em 1892) pelo advento do «*Independent Labor Party*».

A connexão entre essa crise partidária, a evolução da táctica e aspirações das «*Trade-unions*», e o enfraquecimento das qualidades peculiares á burguezia ingleza, parece-nos muito difficil contestal-a. O gabinete da coalisão conservadora-unionista é, no fundo, uma tentativa de reacção aristocrático-burgueza contra as novas tendências da política británnica interna, que a transformação das «*Trade-unions*» prenunciam. E quando subsistisse a este respeito alguma dúvida, tiral-a-hia o tácito, e depois explicito, reconhecimento d'essa nova orientação do espírito público inglez pela situação conservadora-unionista de 1898 a 1904, começando por fazer a guerra do Transwaal, inspiração evidente da burguezia histórica por assim dizer, e acabando pela adopção, embora parcial, do projecto de Chamberlain, suggestão incontestavel d'aquelle novo espírito público británnico.

Repare-se em que a burguezia ingleza é a única, em toda a Europa, que impõe aos velhos poderes auctoritários um certo número de direitos individuaes, quando no continente o privilégio continuava a ignoral os, e que promove uma grande agitação nacional para subtrahir a sua livre actividade á protecção e intervenção dos seus governos. Aquella exigência precoce de garantias contra os abusos do poder, e este repúdio radical de qualquer tutela na organisação e no exercício do trabalho permittem relancear o valor da mudança que no último quartel do século findo

se operou na Inglaterra, por consequência na sua classe dominante. A sua mola essencial, o individualismo, estava, se não gasta de todo, fatigada. Fosse a mesma a tensão que lhe facultara essas conquistas, e dera á Inglaterra um império sem rival, e a transformação a que alludimos não se operava, fosse embora mais intensivo o movimento da população trabalhadora. As «*Trade-unions*», de resto creadas e auctorisadas legalmente quasi a seguir á revolução económico-mecánica em 1815, estender-se-hiam certamente ás classes mais humildes, quer das cidades quer dos campos; mas não teriam perdido o seu caracter originário, e evolucionado para partido político com programma e intuito expressamente socialistas. Ora, o socialismo leva lógicamente a extincção de qualquer estímulo individual á lucta e á victória,—o que, na vida interna social, representa a estagnação e a decadência, e nas relações exteriores, o pacifismo e o triumpho das nações conquistadoras. A energia d'um povo é a resultante das energias individuaes que o constituem. Tudo quanto as desalenta ou atrophia lhe cerceia ou annulla o poder de progredir e s'expandir. Porisso dissemos que o socialismo d'Estado era na Inglaterra um ponto fraco.

A sua mera apparição, como partido, é já um symptoma indicativo de fraqueza; o seu triumpho, seja embora apenas parcial, como programma d'um governo significa já inilludivelmente debilidade collectiva, um começo de desaggregação nacional, seja qual fôr o povo em que se dê. Com mais razão reveste para nós este sentido tractando-se d'um povo que rejeitou resolutamente e desde muito a doutrina do Estado-providência, e que sobre a iniciativa e as aptidões pessoaes, unicamente,

deliberou bazear toda a sua actividade e construir o seu futuro.

Quando o providencialismo do Estado entra n'um tal povo, podemos estar seguros de que a sua fibra combatente arrefeceu, a sua capacidade expansiva s'estancou, o seu desejo d'aventuras e glória s'extinguiu. O ponto fraco a que nos queríamos referir está n'esta disposição dos ánimos para se interessarem de preferência pelas questões interiores, escolherem para a sua solução as fórmulas que representem concessões mútuas das classes em conflicto, e evitarem pois, quanto possivel, quaesquer collisões violentas na sua vida nacional.

A questão irlandeza não faz mais que pôr aínda em relêvo as tendências pacifistas que véem de ser assignaladas. Movimento nacionalista e movimento socialista são não só parallelos, isto é, contemporáneos, e accusam vicissitudes similhantes, mas obedecem ao mesmo impulso essencial, e recebem quasi ao mesmo tempo um princípio de solução dos programmas respectivos. Bastará que recordemos que na grande agitação de Londres em 1886-87 tomam parte os «sem-trabalho», os socialistas e os Irlandezes; que, desd'essa data até 1892, a reacção conservadora-unionista (gabinete Salisbury) opera com egual vigor contra o socialismo e contra a Irlanda; que, ao triumphar nas urnas a coalisão irlandeza-liberal (gabinete Gladstone) os socialistas fundam o «Partido laborista independente», e os Irlandezes obtéem a inclusão do *home rule* no programma do governo; que, ao organisar aquelle partido o seu programma, o próprio gabinete Salisbury votava uma lei alargando aos Irlandezes o direito de propriedade, e regulando a indemnisação, por esse facto, aos proprietá-

rios inglezes; que o actual gabinete emfim (irlandez-laborista-liberal) vota uma espécie de socialismo fiscal e o *home rule*. Inuteis mais palavras sobre o assumpto. Estas leis, qualquer que seja o seu valor, são fructos da mesma planta; e esta planta, tambem independentemente do valor que reconheça, é o pacifismo.

De maneira que, aos primeiros rumores da tempestade annunciada pelos acontecimentos de Serajevo em junho do anno findo (1914), a situação económica e política da Inglaterra, no que interessa ao nosso intuito, julgamos que se pode resumir nos seguintes traços largos:

O seu commércio, a sua navegação e a sua indústria, embora em vésperas talvez de serem batidos em globo pela Allemanha, como a sua indústria do aço o fôra já parcialmente, continuam a conservar a primazia; o seu regimen económico (metropolitano, porque é proteccionista o das colónias) continúa fiel ao velho programma de 1846, livre-cambista; o receio de ficar privada d'alimento, a razão capital allegada por Peel contra a doutrina do livre-cámbio, julga-o ella removido pela superioridade relativa da sua marinha de combate; o risco do «*splendid isolement*» em que vivera muitos annos, desde a guerra da Crimeia mais ou menos, procura ella prevenil-o, approximando-se da Dúplice-alliança, mas sem contrahir com ella compromisso algum formal; qualquer ameaça possivel á integridade do seu império, cuida ella de o conjurar pela fórmula de Metternich, n'uma significação mais genérica, «a segurança na posse», isto é, liquidando todos os seus dissentimentos exteriores com outras Potências, esforçando-se por viver em bons termos com ellas todas, aínda

sem nenhum compromisso formal da sua parte, e affirmando com insistência, e como que solemnemente, o seu novo espírito conciliador e pacifista.

Voltemos á questão que deixamos de remissa a pag. 26 e 29. O auctor do opúsculo a que temos feito largas referências declara, nas breves linhas d'um prefácio, que se bazeou, para o escrever, em «documentos officiaes ou em discursos dos ministros», e p rcialmente em «informações que tinhá sobejos motivos para crêr incontestaveis». É, portanto, um defensor officioso do seu Governo; e o seu trabalho, uma tentativa egualmente officiosa para demonstrar o pacifismo sincero do seu paiz contra as intenções ou propósitos aggressivos da Allemanha.

Pelo que atraz dissemos em resumo, mas com uma clareza que não permittirá sombra de dúvida em ninguem, viu-se que éramos precisamente da opinião de *sir* E. Cook, muito antes de lhe havermos lido o pamphleto; que participávamos até,—convem recordar—a que attribuía aos Governos da Allemanha manobras e intuitos bellicosos. Pareceria pois supérfluo retomar um assumpto sobre que estávamos de accôrdo. Mas, por um lado, numerosos elementos de juízo de que tivemos conhecimento só depois, muito depois, d'escripto o que precede, forçaram n'os a sobrestar provisoriamente n'esta segunda affirmativa, de resto demasiado absoluta com effeito, de que ao império germánico se devia exclusivamente a preparação e a iniciativa d'esta guerra; por outro, e reservando o exame do problema a que vimos de alludir para occasião mais opportuna, tornava-se imprescindivel conciliar um pacifismo, governamental e nacional, que se nos affigurava muito

difficil desconhecer, com objectivos e negociações que pareciam contrarial-o, embora se não podesse affirmar que o desmentiam.

Tal o motivo mais valioso que nos levou a dar por epílogo ao nosso opúsculo o debate d'esta questão controvertivel, e a preferir para baze d'elle a própria argumentação de *sir* E. Cook, que, segundo principiamos por fazer observar, offerece as máximas probabilidades de ser officiosa, e de traduzir com fidelidade, portanto, o pensamento e os moveis da política extrangeira adoptada, nos últimos annos, pelos estadistas inglezes.

Esforçar-nos-hemos por ser o mais claro e methódico possivel nas rápidas observações que vamos fazer.

Reconhece o publicista inglez, em primeiro logar, que o desinvolvimento contínuo da frota allemã, promovido desde o anno seguinte ao da guerra do Transwaal, causára sérias apprehensões na Inglaterra. Até aqui estamos d'accôrdo, com a única differença de pensarmos que para estas apprehensões não podia menos haver contribuído o progresso rápido e continuo do commércio, da indústria e da marinha mercante da Allemanha; dissemos já por quaes motivos (pag. 29 a 31).

Affirma, em segundo logar, que esse desinvolvimento da marinha teutónica constituía, «na opinião dos estadistas e do público inglezes, uma provocação á Gran-Bretanha». Não declara o publicista se esta era tambem a sua opinião; mas pelo contexto, de que foram reproduzidas atraz (pag. 26 e 27) algumas passagens caracteristicas, conclue-se que era. E aqui não podemos nós estar d'accôrdo, nem com elle nem com o público e os estadistas inglezes, ainda que a pergunta feita no Reichstag em 1900, ao ser-lhe

apresentada a lei naval allemã, fosse tal qual o folheto a reproduz: — «a não ser contra a Inglaterra, contra quem se poderia usar a nova Armada?» Porque na pergunta, se não ha com effeito violência em lhe dar o sentido que *sir* E. Cook lh'encontrou, é permittido achar apenas a expressão da probabilidade futura d'um conflicto com a nação citada n'ella, independentemente da affirmativa de quem seria o aggressor; e na resposta, que *sir* E. Cook nos garante ser official, nada se lê que justifique o receio d'uma intenção provocadora. «A Allemanha precisa de ser tão forte no mar que nem sequer a «maior Potência naval» a possa desafiar impunemente» — eis a resposta.

Longe de se querer insinuar aqui uma ameaça, quando se tome em sentido natural as palavras que se lêem, manifesta-se, ao contrário, o receio de que ella venha, mais tarde ou mais cêdo, a surgir, melhor talvez a renovar-se, por lado da «maior Potência naval» a que se allude, e que era indubitavelmente a Grã-Bretanha. Seria até um pouco ridículo — releve-se-nos o qualificativo, um tanto rude — que a «maior Potência naval» sinceramente se julgasse provocada, muito menos em risco, de perder a sua enorme supremacia nos «mares e oceanos» do Globo, por outra Potência que entrava apenas a montar o machinismo de guerra com que teria d'emprehender essa difficílima façanha. Com certeza, *sir* E. Cook equivocou-se: ao tempo a que s'estava referindo, e até mesmo quando o actual conflicto deflagrou, a esquadra allemã não podia representar para a Inglaterra nem provocação nem ameaças susceptiveis de a deixar, com razão procedente, intimidada ou apprehensiva. Um perigo futuro, talvez; mas um perigo

futuro não é synónymo da provocação que tanto parecia vir preoccupando, e excessivamente indispondo, o público e os estadistas inglezes.

Não nos prevaleçamos, porém, do emprego d'uma palavra evidentemente deslocada, pelo menos violentada na accepção, e vejamos como o auctor do folheto justifica as apprehensões que tiravam ao seu paíz aquella «tranquilla dignidade» a que alludia o Eça de Queiroz nas «*Cartas de Inglaterra*» (IX — Os inglezes no Egypto). Essa justificação pode considerar-se resumida toda nas seguintes passagens, complementares das que foram por nós reproduzidas: «Pelo que toca a subsistências, a Allemanha pode em grande medida viver dos seus recursos próprios, ou alimentar-se por terra».—«O possuir uma forte Armada augmentar-lhe-hia o prestígio (da Allemanha), a influência diplomática, e a capacidade para proteger o seu commércio, mas não é uma questão de vida ou de morte, como o é para nós».

A réplica a estes argumentos accode logo ao mais distrahido e superficial dos leitores do publicista. Como em períodos de paz é intuitivo que nem a Allemanha nem a Inglaterra teriam a preoccupar-se com a sua alimentação e a protecção do seu commércio, segue-se que só para um possivel estado de guerra os argumentos produzidos têem valor. Mas se a Allemanha, conforme nos garante *sir* E. Cook, se podia alimentar, no decorrer d'um conflicto, com os seus recursos próprios e, no caso de não lhe bastarem, com os das nações terrestres confinantes que não estivessem contra si, —de que serve então o bloqueio que a Inglaterra e os seus alliados lhe intentaram, e s'esforçam por cerrar cada vez mais em volta d'ella? Se a Quá-

drupla o intentou, e não descura meio algum directo e indirecto, nem desperdiça a menor occasião de o tornar estreito e rigoroso, sem dúvida é porque espera compellir o bloco dos impérios, e não apenas a Allemanha, a render-se pela fome. E n'este caso não ha a mínima possibilidade de negar que este desfecho, a corresponder á espectativa e á intenção dos Alliados, resultaria da inferioridade naval dos dous impérios, e que portanto assistia pleno direito á Allemanha, corria até ao seu Governo a estricta obrigação de prevenir-se com uma esquadra poderosa contra uma eventualidade que nada tinha de chimérica. O publicista inglez estava absolutamente na verdade ao affirmar que «uma forte Armada era questão de vida ou de morte» para a sua Inglaterra. E se o bloqueio conduzir ao resultado que no seu paiz se deseja e se procura, não s'está verificando que o era egualmente para a Allemanha? Ao dilemma, concordará agora ao menos *sir* E. Cook, não ha possibilidade de fugir: ou o actual bloqueio posto aos impérios centraes é um *bluff*, ou aquelles preparativos navaes que tanto alvoroço provocavam nos estadistas inglezes, eram para este paiz uma necessidade elementar, ainda que só para se abastecer de provisões, e uma necessidade puramente defensiva. De continental, o império allemão não se tornou insular, suppomos nós; e todavia crêmos bem que nem o próprio *sir* E. Cook ousaria agora asseverar, a não ser um mero *bluff* o bloqueio, que uma «forte Armada» não lhe fosse tão imprescindivel, tanto «uma questão de vida ou de morte», como notoriamente o era já para a Inglaterra. O argumento de *sir* E. Cook achamol-o pois opportuno,... para demonstrar porém o contrário do que se tinha em vista ao agital-o, com insistência e vehemência.

Julga aínda *sir* E. Cook que o augmento de prestígio, de influência diplomática e de protecção ao seu commércio, deviam ser motivos secundários para a Allemanha dar tão poderoso impulso á sua esquadra. Acabamos de vêr que o não era a protecção do seu commércio marítimo, ao qual é óbvio que se quer referir o publicista inglez. Mas não o eram, tampouco, o reforço d'influência diplomática e o accréscimo de prestígio exterior; porisso que, ao menos n'um ponto de vista preventivo, um e outra podem proteger tanto como, em tempo de guerra, protegerá uma forte esquadra. É curioso não haver occorrido a *sir* E. Cook que é a própria história do seu paíz que lhe replica ao argumento. Não lh'ensinará ella, com effeito, que a Inglaterra, muito antes da agitação livre cambista que a poz para a sua alimentação na dependência do extrangeiro, não cessou de reforçar a sua marinha de combate? Durante esse longo período de quasi dous séculos (desde o «*Navigation Act*» de Cromwell até 1846), não subordinou constantemente os progressos d'essa marinha de combate ao triplo objectivo (pelo menos) que os seus ministros, com *sir* E. Cook, se lembram agora de capitular de secundário? Além d'isto, a sua dependência económica, da qual derivou a necessidade imperativa, como *sir* E. Cook o declara e nós o reconhecemos lealmente, de se tornar o colosso naval que o mundo inteiro sabe, e admira — foi qualquer das outras nações quem lh'a creou? E lembrou-se alguma, todavia, de lhe contestar o direito de garantir á sua frota a prevalência, em número d'unidades como em material e effectivos, sobre as duas mais poderosas marinhas extrangeiras? E se alguma o contestasse, por ex. a França, que foi até Trafalgar a sua principal antagonista,

—que resposta lhe daria a Inglaterra? Infallivelmente a que a *sir* F. Lascelles, embaixador britânnico em Berlim, deu o *kaiser,* segundo affirma *sir* E. Cook, a propósito da reducção do programma naval inglez, de que fallamos: «Cada Estado deve decidir por si qual a somma de força militar de que precisa para a protecção dos seus interesses e a manutenção da sua posição; nem Estado algum consentiria na interferência d'outro em similhante assumpto».

Allegava-se na Inglaterra que a sua esquadra era um simples instrumento defensivo, e não representava para ninguem uma ameaça. Ficou já dito porque julgamos sincera a allegação. Mas tudo é relativo n'este mundo; e não esqueçamos que militarmente, e até não militarmente, a offensiva (ou a mera facilidade de a tomar) pode muito bem constituir o mais efficaz processo de defeza. A *British Fleet* acaso foi sempre aquelle instrumento defensivo, e deixaria pois de ser amanhã esta ameaça? Para o passado, que o diga a história da Inglaterra, desde a anniquilação successiva e systemática das esquadras hollandeza, dinamarqueza e franco-hespanhola, até ao bombardeamento d'Alexandria e á destruição das repúblicas do Orange e do Transwaal. Quanto á segunda pergunta, illucida-a o papel que na presente lucta essa formidavel máchina marítima tem desempenhado. Emquanto as Potências lhe consentiram, e lhe consentirem no futuro, a desproporção que lhe permittiu *to rule the waves,* a frota britânnica foi sempre, e poderá sempre vir a ser, um temeroso instrumento de aggressão: não julgamos que o patriotismo inglez seja tão cego que se recuse a reconhecer esta verdade. Se o formidavel exército allemão, embora longe de attingir sequer a somma dos dous maiores exércitos com que teria

a defrontar-se, foi constantemente encarado pela Europa, sem injustiça, como um perigo e uma ameaça, uma ameaça e um perigo podia ella considerar, com egual justiça, o immenso poderio naval da Grã-Bretanha.

N'uma espécie de synthese impressiva, busca justificar *sir* E. Cook o sobresalto do seu paíz pel'o que a Europa sentiria no caso de se preparar a Inglaterra, que já era a primeira Potência naval, para armar um exercito permanente comparavel númericamente ao da Allemanha. A justificação é engenhosa; mas é de receiar que não prove o que o publicista inglez desejaria. O sobresalto da Europa seria bem mais natural e mais legítimo, embora não fosse provavelmente tão profundo, do que parece ter sido o da Inglaterra perante o desinvolvimento maritimo da sua rival no continente. Um exército, tão numeroso como o d'esta, n'um paíz insular, solidamente defendido por este insulamento geográphico, as suas fortificações de costa e a sua Armada, avêsso a um systema de serviço militar que durante dous séculos e meio se obstinou em repellir fosse qual fosse a conjunctura, e que podia, além d'isso, contar sempre com alliados entre as nações continentaes, —seria por estas encarado, graças ao ciúme recíproco, como um propósito d'aggressão, um perigo pois dos mais graves para quem quer que lhe fosse o objectivo. E nada tinha de futil o receio d'alguma, ou d'algumas pela perspectiva d'um ataque d'esse lado. Porque a sua enorme superioridade marítima facultaria á Inglaterra, como no tempo de Napoleão se verificou, e n'este momento s'está verificando, a passagem segura e rápida das suas tropas para um paíz alliado no continente; e toda a superioridade militar, fosse qual fosse, dos seus inimigos no continente não lhes

facultaria ás suas a passagem inversa com igual rapidez e segurança, — suppondo já que lhes fosse possivel tentar, sequer, na ilha fronteira um desembarque.

Teria então o sobresalto de Inglaterra, pelo menos nas proporções que lhe dá *sir* E. Cook, o mesmo fundamento plausivel?

É indubitavel que não tinha. A Inglaterra não podia contestar que fosse já vasto, e em crescimento accelerado e ininterrupto, o commércio exterior da Allemanha; que um exército, por mais numeroso e bem armado, não era instrumento bastante e próprio, nem mesmo indirectamente, para o defender em todas as eventualidades que surgissem; e que portanto, em caso de guerra, ficaria á mercê do inimigo (como desde 1914 estamos vendo) a não haver uma marinha de combate, e na força proporcional á somma d'esses interesses a cobrir e da situação internacional a sustentar. Ousaria alguem affirmar, de boa-fé, que a marinha allemã de guerra bastaria a assegurar a realisação d'este objectivo duplo nos primeiros annos d'este século? Bastaria sequer a assegural-o contra as marinhas da França e da Rússia, se a da Itália, como era crivel, não lhe viesse dar o seu apoio, mesmo que a Grã-Bretanha se mantivesse alheia a um conflicto?

Mais tarde, depois que o Japonez enfraqueceu a esquadra russa, talvez, — e ainda só no caso de se manter neutral a Inglaterra; não bastaria, comtudo, na época a que *sir* E. Cook diz remontarem as apprehensões do seu paíz. Ora, se não bastava, e se a Inglaterra poderia sempre contar, na hypóthese d'uma aggressão a tentar ou a repellir, com os exércitos e as marinhas de pelo menos duas grandes nações continentaes, é innegavel que aquel-

las apprehensões eram bem menos razoaveis do que seriam as da Europa se a Inglaterra se dispozesse a constituir-se em grande Potência militar.

Supponhamos todavia que não eram, senão pela iminência de complicações, que nada tinham de provaveis, pela antevisão d'um perigo certo no futuro. Que lhe cumpria então fazer, dado que as suas disposições combativas continuavam a ser as que a levaram a Alexandria e ao Transwaal? Sem dúvida, o que fariam as nações continentaes se, como na hypóthese lembrada por *sir* E. Cook, as suas relações com a Inglaterra se invertessem. Primeiramente, e porque não lhe faltavam para isso recursos financeiros de que nação alguma conseguiu jamais dispôr, levantar a luva que a Allemanha lhe lançava, mantendo sempre a regra sabida da prevalência da sua sobre as duas mais poderosas esquadras que existissem; depois e conjunctamente, poisque não lh'escasseavam, tampouco, para isso nem os recursos nem o crédito, organisar um exército comparavel, pelo material, a disciplina e o número, aos melhores do continente; por último, contrahir as allianças que julgasse imprescindiveis, e que tambem lhe não faltavam, para ou desalentar qualquer tentativa de aggressão, ou tornar provavel a victória se esta aggressão viesse a produzir-se.

Se áquella sua combatividade succedera — e tal dissemos ser a nossa opinião — o seu novo espirito de concórdia, se queria converter quanto possivel em realidade seductora a paz do Mundo, o que acima se denominou a «paz octaviana», era ainda este o programma politico, por mais paradoxal que a affirmativa pareça, em que teria de inspirar-se. Com esta differença: generalisar ás Potências con-

tractuantes o accôrdo formal que transcrevemos a pg. 29, e redigil-o em termos que nitidamente accentuassem o seu intuito pacifista. Á objecção de que um propósito pacífico se concilia mal com os preparativos militares que suppozemos, é facílima a resposta: «emquanto os homens forem homens e os Estados forem Estados», segundo o chanceller da Allemanha s'exprimia n'uma intenção differente d'esta, não se lhes poderá impôr a paz a não ser por uma força organisada, e se possivel fôr, por uma força ineluctavel. Dentro de fronteiras é só ella que a impõe; só tambem ella a conseguirá impôr entre os Estados.

Em vez d'esta, viu-se já, nas páginas precedentes, a politica em que a Inglaterra s'embrenhou junto das Potências da Europa, particularmente da Allemanha; e pode agora vêr-se que a qualificamos bem de ingénua, singular, contradictória, por não ser possivel levar nunca aos diversos resultados que se tinha em vista promover. Adoptando-a, a Inglaterra não conseguiu o desarmamento, não assegurou a paz da Europa, não realisou sequer nenhum accôrdo com a Allemanha, nem político nem naval; e teve de imprimir á sua frota um impulso que pretendia suster, crear um exército que tinha sempre repellido, assignar compromissos internacionaes a que teimosamente s'esquivara. Em summa: nem logrou, a não ser entre os Alliados, desempenhar as funcções d'árbitra, nem fugiu de todo aos precalços do seu «esplêndido isolamento».

O seu pacifismo era sincero, mas hezitou no plano a preferir. A sua política humanisara-se; mas frustrou-a o particularismo de caracter que, á parte a rudeza d'expressões, já em 1907 tentávamos definir por esta maneira:

«Quer-me parecer que não foi um puro accidente his-

tórico, uma approximação determinada por circumstâncias fortuitas, que levou o Anglo-saxónio a queimar as pestanas sobre a Bíblia, deleitando-se com as narrativas da vida nómada e com os episódios da lucta religiosa, violenta e bárbara, que constituem grande parte dos livros do Velho Testamento. Foi, por certo, a apercepção d'affinidades latentes, o reconhecimento de qualidades e defeitos communs, provavelmente aínda a analogia de situação interna social e de situação exterior em face do extrangeiro, e tambem uma como antevisão instinctiva de bastante similitude nos destinos. Quanto a mim, esse pouco attrahente insular presentiu que, apezar dos primitivos esforços da Roma pagã e das ulteriores tentativas da Roma cathólica para fazer d'elle um Europeu, isto é, um ser polido, tractavel, affectuoso, civilisado, ficaria sendo sempre um bárbaro e um nómada, refractário ao convívio cordeal com os outros homens, alheio á affabilidade e á ternura, enkistado em philáucia e grosseria, sequioso de bem-estar e de dinheiro, invejando ou detestando as civilisações que não comprehende, surgindo indefectivelmente onde haja um negócio a fazer e uma riqueza a explorar, preferindo á conquista arriscada a segura infiltração,—como em geral se comprova para o Judeu. E da mesma maneira que o Judeu, adivinhou que, passada a phase elaboradora e proselytica, conseguidos o triumpho e a expansão, arrumaria para um canto versículos bíblicos, prophetas e patriarchas, e se converteria n'um ventre, terrivelmente insaciavel e prolífico, comendo em socego «o pão que não semeara» e bebendo o succo «da vinha que não plantara».

«Já se vê que o eschema, conforme é uso dizer-se além da Mancha, só em parte se pode applicar ao Escossez, e

de forma alguma convem ao Irlandez, genuino Europeu continental pela vivacidade, a bravura, a imaginação, a eloquência, quando não bastasse a convencer-nos d'isto o simples facto de ser, além d'explorado, temido e aborrecido pelo visinho. E é ainda claro que ha a descontar, no parallelo suggerido acima, quanto na civilisação anglo-saxónia revela as qualidades ou denuncia as influências indo-europeias, particularmente a aggregação em Estado politico, a estructura do idioma, a capacidade scientifica.

«Tambem importa observar que, referindo-me a Judeus, era a classe média da nação judaica, o pharisêu dos evangelhos, que tinha em mente designar; porque n'ella se resumem o espirito e o temperamento especificos nacionaes, e foi ella que, na realidade, triumphou e se alastrou pela Europa, a Ásia anterior, o norte da África, e é possivel que não tarde a invadir o resto do Globo.

«Mas, dadas estas explicações e feitas estas reservas necessárias, fica-se deveras surprehendido com os laços múltiplos de similhança que prendem o Judeu ao Inglez, quando a nossa attenção se demora por algum tempo nos seus gôstos, na conformação do seu caracter, nas phases por que passaram na sua história, na attitude que mantéem ao contacto dos outros povos e na presença dos extranhos. Com o seu verniz leve de cultura, e o seu aspecto ás vezes insinuante, são no íntimo insociaveis e bárbaros, adventícios quesilentos pelo egoismo e pela soberba, mal-assombrados e hostis, sollicitando benevolência e tolerância só para adquirirem predomínio; são *corpos extranhos*, inadaptaveis e nocivos, parasitários e incómmodos, por toda a parte onde apparecem; são duas pragas sociaes, que a necessidade e o desdem permittirão acolher, mas que

nenhum impulso natural de sympathia levou jamais alguem a considerar psychologicamente um seu egual.

«O mundo antigo qualificava os Judeus de atheístas e inimigos do género humano; pelo menos, era este o conceito que os Romanos tinham d'elles. Havia aqui, n'este juízo tão pejorativo e absoluto, a incomprehensão da fé monotheísta, e d'um culto despojado das complicações e da pompa decorativa em que o paganismo se deliciava. Mas havia ao mesmo tempo a percepção lúcida d'uma carência total de senso artístico, e sobretudo a crítica sagaz d'esse fanatismo sombrio, d'essa obstinação e seccura d'alma, d'esse nomadismo innato e irreductivel, d'esse ódio inquieto, mesquinho, entranhado, contra quanto rescendia a profano e a extrangeiro, que extremavam os Judeus dos outros povos submettidos ao Império. E os acontecimentos provaram que os Romanos lêram bem na psychologia d'essa tribu de Semitas nómadas provisoriamente acampada em volta do morro de Sião. Viram bem que esses «filhos do deserto», esmagados no seu coio, acossados e dispersos pela Terra, permaneceriam isolados e puros, inconvertiveis e bravios, incapazes de fusão ou adaptação, fechados ao menor sentimento de solidariedade com os outros povos, reclamando direitos e esquivando-se aos deveres, appetecendo as vantagens e eximindo se aos encargos, eternamente cubiçosos e eternamente descontentes, sempre odientos e sempre abominados, — que permaneceriam, n'uma palavra, *indigeriveis*, embora dispostos a digerirem o Mundo, e que a sua religião, simplificada na doutrina e no ritual até ao mínimo, equivaleria praticamente ao atheísmo.

«Do Inglez quasi se pode dizer a mesma cousa. Sal-

vas as differenças e attenuantes apontadas, elle é, se não o irmão gémeo, o irmão collaço do Judeu. É o mesmo coração egoísta e duro, o mesmo temperamento açambarcador e obstinado, o mesmo fanatismo estreito pelos costumes e instituições da sua raça, a mesma inaptidão para a Arte e para as grandes creações abstractas do espírito, o mesmo simplificador de crenças e de cultos, o mesmo detractor malevolente das leis, usos ou ideias que não lhe são familiares, o mesmo puritano ingénito, insusceptivel de se fundir e adaptar,—a mesma creatura *indigerivel,* em summa, que as nações do continente se vêem compellidas a poupar, mas que nenhuma estima e aprecia, e que todas, da melhor vontade, anniquilariam por uma vez.

«Quanto a mim, tenho os Anglo-saxónios por uma raça d'intelligência incompleta, de todo refractária á sympathia, ao enthusiasmo, á paixão desinteressada e effusiva pela natureza e os homens, impotente, por isso, para manter na civilisação do Mundo uma salutar hegemonia, e podendo só desempenhar n'ella um papel que outros povos seriam capazes de exercer, talvez com menos estrondo, mas certamente com mais brilho. Não tem a alma pantheísta — essa raça espessa d'insulares, para cumprir no Globo uma missão espiritual educadora ; e para ajudar sómente a digeril-o parece-me que não faltam commensaes, e que lhe pagamos muitíssimo caro as habilidades digestivas, como caríssimo as estamos pagando ao Judeu, que é o seu mestre e o seu irmão».

Se vencer, evitará a Allemanha estes escolhos em que a Inglaterra naufragou?

SUMMÁRIO

Estado social e politico da Inglaterra, no conjuncto, pg. 3 a 17.

Pontos fracos: visinhanças perigosas, pg. 17 a 21; dependências económicas, pg. 21 a 29; poderosos concorrentes, pg. 29 a 33; socialismo e nacionalismo irlandez, pg. 33 a 40.

Observações ao folheto de *sir* E. Cook: «*A Inglaterra e os seus esforços pela manutenção da paz*», pg. 40 e seg.

LIVRARIA FIGUEIRINHAS

75, Rua das Oliveiras, 77 — PORTO

BAZILIO TELLES

Opusculos já publicados

PRIMEIRO: I — **Ditadura**; II — **Regimen Revolucionario.** 1 vol. (esgotado).

SEGUNDO: III — **A Constituição**; IV — **Finanças.** 1 vol. $10

TERCEIRO: V — **A Questão religiosa.** 1 vol. $15

A situação militar Europeia $20

O nó dos Balkans $20

A França e a guerra de 70 . . . . . $20

A Inglaterra pacifista $20

JOSÉ AGOSTINHO

A Chave dos Lusiadas. 1 grosso volume . . 1$00

A Tragedia Maritima. Em 4 volumes broch. . 1$20

Á Roda de Portugal. Em 2 volumes broch. . 1$00

Á Roda do Brasil. 1.º volume broch. . . . $50

O Brasil. Romance historico $50

Rei Infame. Romance $30

A Mulher em Portugal. Brochado. $50

O Homem em Portugal $60